

Pertença e Medos na cidade de João Pessoa: Uma resenha

Williane Juvêncio Pontes¹

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Etnografias Urbanas sobre Pertença e Medos na Cidade. Estudos em Antropologia das Emoções*. Coleção Cadernos do GREM n. 11. Recife: Bagaço, João Pessoa: Edições GREM, 2017, 336p.

Etnografias Urbanas sobre Pertença e Medos na Cidade: Estudos em Antropologia das Emoções é a publicação de número 11 da Coleção Cadernos do GREM, de autoria do antropólogo Mauro Guilherme Pinheiro Koury. O livro compreende estudos desenvolvidos na cidade de João Pessoa-PB dos anos de 1980 até a atualidade, comportando resultados de 37 anos de pesquisa. É composto por trabalhos já publicados durante esses anos de estudos, que são, nesta obra, (re)discutidos dentro de um novo olhar do autor, mas que mantém a essência do trabalho original, realizando balanços comparativos em recortes mais recentes.

Nesta obra Koury elabora um mosaico científico (BECKER, 1993) da cidade de João Pessoa através de etnografias urbanas que discutem as configurações da cultura emotiva local, da pertença, dos medos e da moralidade a partir do imaginário do homem comum urbano. No mosaico elaborado discutem-se, principalmente, os conceitos de pertença e medos, enquanto medos corriqueiros, que são analisados dentro do contexto mais amplo da cultura emotiva. Cultura emotiva esta que se baseia sobre as emoções no jogo situacional e sua influência na prática comum da troca relacional, individual ou grupal, que gera entendimentos, compartilhamentos e situações determinadas, mas que são passíveis de atualização e reconstrução no jogo interacional (KOURY, 2017).

A pertença surge como o elemento básico de discussão, sendo relacionada com os medos e os medos corriqueiros, “como processos de interação cotidiana e de inserção dos moradores à cidade, ao bairro, à vizinhança e a si próprio” (*idem*, p. 7, 2017). É dentro desta perspectiva que se posiciona os 09 capítulos do livro, onde Koury analisa a vivência cotidiana do homem comum urbano e o seu imaginário social, que configura o sentimento de amor e de desamor à cidade, ao bairro e ao parque onde o sujeito reside e frequenta.

¹ Mestranda em Antropologia pelo PPGA-UFPB, graduada em Ciências Sociais pela UFPB e membro do GREM – Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia das Emoções. E-mail: williane_pontes@hotmail.com

É a partir do sentido de pertencer, a noção de ser e estar no mundo específico, que se processa a compreensão do eu enquanto nós. O lugar é tomado como elemento intrínseco de pertença, que constitui o local enraizado na pessoa enquanto cultura emotiva. Dentro dessa discussão se coloca a problemática de como pensar a pertença em uma sociabilidade moderna, onde surge o temor da fragmentação, ocasionado pela transformação do lugar público, que deixa de ser um lugar comum dos homens e passa a ser o lugar das coisas e da circulação. Em que a crescente atomização do mundo e do homem parece gerar um sentimento melancólico e de desconhecimento na relação do homem com o seu lugar.

O processo de crescimento urbano modificou e vem modificando os hábitos e os costumes da cidade, se processando uma tensão e inadequação nas formas de sociabilidade, que mesclam elementos tradicionais e modernos. De acordo com o autor, este crescimento urbano é resultado da preocupação com o ideário de progresso e maquiamento urbano, que se iniciaram na década de 1920 e teve seu ápice a partir dos anos de 1970.

Este ideário de progresso e o processo de modernização urbana é analisado por Koury através das fotografias e das crônicas de Walfredo Rodriguez, trazendo a discussão sobre a glorificação do progresso, permeada pelo olhar nostálgico de Rodriguez sobre a cidade fotografada, e sobre os sentidos de provar o espaço, este, por sua vez, tomado como patrimônio, onde a cidade só pertence a alguns. Rodriguez apresenta o processo de reforma urbanística como visão de progresso e embelezamento, com códigos de valorização do patrimônio, das tradições e das normas locais, em que o traçado urbano e a beleza da cidade são capturados na fotografia como paisagem humanizada. O progresso, assim, é sentido e buscado como uma extensão da tradição, isto é, como uma modernização conservadora.

Nas lentes de Rodriguez a pobreza só aparece como tipos populares que caracterizam o aspecto pitoresco, onde a população se restringe às figuras da elite local. Há uma ausência do homem comum no roteiro sentimental da cidade que o fotógrafo Rodriguez elabora, de modo a construir, como salienta Koury, um retrato conservador da Parahyba – nome da cidade na época, hoje João Pessoa.

O homem comum pobre, assim, aquele homem e mulher livre, que vive na cidade, despossuído de bens e proprietário de sua força de trabalho (*ibidem*, 2017), é visto no discurso modernizador enquanto figura a ser controlada e disciplinada. O trabalho aparece como o elemento disciplinador, sendo por meio dele permitido que o homem comum pobre “integre” o quadro social, pois sem o trabalho este homem é visto como um sujeito perigoso à composição social. Koury indica que o processo de expansão e ocupação da cidade se deu

através do controle, da submissão e da exclusão do homem comum pobre. Neste sentido, modernização da cidade acompanha os interesses e a manutenção da oligarquia no poder.

Este discurso modernizador e o ideal de progresso que fomentaram o processo de crescimento urbano da cidade influenciaram as formas de sociabilidade, os modos e estilos de vida dos moradores e os hábitos e costumes da cidade. A nova configuração que surge com as transformações urbanas provoca uma tensão no sentido de pertencer e fomenta o signo do medo do outro.

Apesar de possuir redes relacionais de intensa pessoalidade, Koury salienta que o crescimento da cidade fomenta relações cada vez mais individualizadas e baseadas no medo do outro estranho que habita a cidade. O medo, assim, faz parte do cotidiano no imaginário da cidade, de modo a provocar desconfiança, conflito e estranhamento que se reflete no processo de mudança de hábitos. Mas que, por outro lado, também provoca proximidade e semelhança, mesclando o moderno e o tradicional no jogo interacional.

O autor analisa os medos e medos corriqueiros como temores imaginários e reais que são vivenciados e propagados, individual ou coletivamente, pelo homem comum urbano, interferindo no seu cotidiano. Neste sentido, Koury identifica o medo expresso pelos habitantes da cidade e o classifica em três categorias: a falta de fé, a falta de confiança e receio de errar e a falta de segurança pessoal ou familiar. Os principais medos informados para esta categorização foram os de violência, de instabilidade do futuro, de solidão e envelhecimento, dos castigos de Deus e de deslealdade. Sendo a violência o principal medo sentido pelos moradores da cidade.

A violência enquanto expressão do que se sente medo é apontada por Koury como referente à fragmentação dos laços comunitários na cidade. Nesse processo de modernização o sentimento da cidade, como um todo, é de fragmentação das relações sociais, onde o medo parece construir uma cultura de fechamento ao outro, que passa a ser olhado como estranho e sob suspeita. É nesta perspectiva que o autor discute a questão da pertença, das redes de solidariedade em processo de fragmentação e dos medos sociais cotidianos.

A figura do outro como fonte constante de perigo traz consigo os discursos do homem comum urbano, que aponta esse outro como perigoso e violento. Outro este sempre construído e projetado na figura do homem pobre, naquele que tem uma condição socioeconômica inferior ao sujeito que fala. A partir dessa figura do outro são criadas justificativas para salvar a face do lugar e dos seus moradores, considerados potencialmente

perigosos. Estas justificativas são elaboradas pelos sujeitos vistos, no imaginário da cidade, sob o olhar de desconfiança.

Neste sentido, Koury analisa dois bairros populares da cidade de João Pessoa: o Varadouro e o Varjão/Rangel, ambos estigmatizados no imaginário da cidade como bairros violentos e perigosos. Em contra partida a este imaginário da cidade sobre os bairros, os moradores elaboram estratégias e discursos de justificativa para salvaguardar a face tanto do bairro como dos seus moradores. Estas estratégias e discursos são construídos com base na do outro, o estranho, que traz os temores para dentro do bairro.

No bairro do Varadouro são discutidas as maneiras de superação do medo do outro e as estratégias de solidariedade. Os moradores criam elaborações do bairro como um lugar bom de viver, discurso que é envolto de um saudosismo em relação ao passado do bairro, hoje em decadência, gerando um sentimento de perda. Este processo de decadência denunciado pelos moradores é, ao mesmo tempo, o elemento que possibilita a permanência destes no bairro. O bairro se insere em uma área marginalizada, mas de grande potencial imobiliário na cidade, onde existem estratégias de revitalização do lugar, que compõe o Centro Histórico da cidade. No entanto, essa revitalização promoveria a retirada destes moradores do bairro, sendo um processo tenso na experiência e nas formas cotidianas de habitar a cidade pelos moradores, que tentam resistir às investidas de desapropriação.

O bairro do Varjão/Rangel, por sua vez, considerado um dos 10 bairros mais violentos da cidade, introduz uma especificidade à discussão devido a sua dupla nomenclatura, uma oficial e outra oficiosa. As configurações de justificativas e acusações no bairro se baseiam nesta dupla nomenclatura: Varjão (oficial), que está associado a violência, sendo o ambiente do outro, aqueles considerados engraçadinhos e marginais; e Rangel (oficioso), adotado pelos moradores na busca de se livrar do estigma da cidade, sendo um lugar tranquilo, familiar e de trabalhos. Esta configuração é uma tentativa de salvar a face do bairro e dos seus moradores, de modo que os próprios moradores construam estigmas para determinados lugares e indivíduos dentro do bairro.

A violência urbana se apresenta como a tônica dos discursos na e sobre a cidade, principalmente pela mídia local, que contribui na construção do imaginário social do medo e do sentimento de discriminação e exclusão social nos moradores dos bairros estigmatizados por esse imaginário da cidade. Processa-se uma vivência cotidiana no ato de amor e de desamor ao bairro, ao parque e a cidade, fomentando o sentimento ambivalente da pertença. Koury (p. 150, 2017) compreende que “pertencer é uma noção vivida pela tensão entre o

ontem e o hoje, entre o eu e o outro, entre a solidariedade e o medo e entre o si situar e ver e hierarquizar os outros e ser por eles situados”.

A cidade de João Pessoa é abordada através do seu processo contínuo de modernização e crescimento urbano, que mescla elementos tradicionais e modernos nas suas formas de sociabilidade. Aspectos que causam uma transformação nos hábitos e costumes da cidade, que passa, aos poucos, de um lugar de reconhecimento – onde todos se conhecem – para um lugar de estranhamento e evitação do outro. A cidade é analisada enquanto polifonia, como espaço imaginado e do imaginário, compreendida a partir do seu aspecto relacional. A análise de Koury aponta para as várias visões que existem sobre a cidade, onde esses olhares são (re)definidos a partir do lugar de fala, da experiência e da realidade social de cada indivíduo. A cidade de João Pessoa é constituída por um conjunto diverso de habitantes que vivem a cidade de diferentes maneiras, seja de forma semelhante, distinta ou até antagônica.

Em *Etnografias Urbanas sobre Pertença e Medos na Cidade* a discussão está baseada na relação entre Emoções, Cultura e Sociedade, sendo uma obra significativa para o estudo e a compreensão da cidade de João Pessoa através da Antropologia e da Sociologia das Emoções. Uma vez que se propõe a pensar as emoções como eixo condutor da análise, assumindo um papel central para o entendimento das formas de sociabilidade que se desenvolve na capital paraibana.

Neste livro o leitor pode acessar um mosaico da cidade construído durante 37 anos de pesquisa, onde a cidade é captada pelo olhar da disciplina e do trabalho, enquanto elementos de conformação e sujeição da pobreza dos homens comuns pobres, pelos projetos de modernização e expansão urbana e pelos sentimentos de pertença e dos medos, que configuram a tensão entre o amor e o ódio a cidade em que habita. O estudo possibilita ao leitor compreender as (re)configurações urbanas e emocionais da cidade de João Pessoa, com base, principalmente, em etnografias desenvolvidas em bairros populares.

É uma obra importante para pesquisadores interessados no olhar teórico-metodológico da Antropologia e da Sociologia das Emoções, pois toma as emoções como categoria analítica central para compreender os modos e estilos de vida e as formas sociabilidade urbana. Isto é, as emoções não estão subsumidas no interior de uma discussão sobre subjetividade, mas sim apreendidas como fundamentais para refletir sobre as formações societárias, com ênfase aqui para o sentimento de pertença e os medos.

Enquanto um campo em consolidação na academia brasileira, este conjunto de estudos da cidade de João Pessoa a partir de sua cultura emotiva contribui para o reforço da

delimitação de fronteiras teórico-metodológicas da Antropologia e Sociologia das Emoções, o diferenciando dos estudos sobre subjetividade. Esforço este que integra a busca de sensibilização dos pesquisadores para o debate sobre a centralidade da emoção como categoria de análise social e cultural – nessa direção estão os trabalhos de Mauro Guilherme Pinheiro Koury, Maria Cláudia Coelho, Cláudia Barcellos Rezende e Marieze Rosa Torres, consideradas as principais figuras na luta pela consolidação do campo.

Trazer as emoções para o centro do debate nas Ciências Sociais é o principal desafio dos pesquisadores, por isso esta obra se apresenta como um estudo importante para aqueles interessados na Antropologia e Sociologia das Emoções, pois coloca as emoções como o cerne para o desenvolvimento da análise. Pode-se dizer que esta obra, junto com os demais trabalhos de Koury, compõe o esforço de delimitação e consolidação da Antropologia e Sociologia das Emoções no Brasil, uma subárea da Antropologia e da Sociologia que surge, na acadêmica brasileira, nos anos de 1990.

Referência

BECKER, Howard. A História de Vida e o Mosaico Científico. In:_____. *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1993, p. 101-115.